

REFLEXÕES DO COMPANHEIRO FIDEL: A POLÍTICA CÍNICA DO IMPÉRIO

Não seria honesto de minha parte guardar silêncio depois do discurso de Obama na tarde de 23 de maio perante a Fundação Cubano-Americana, criada por Ronald Reagan. Escutei-o, tal como fiz com o de McCain e o de Bush. Não guardo rancor relativamente a sua pessoa, porque não é responsável pelos crimes cometidos contra Cuba e contra a humanidade. Se o defendesse, faria um enorme favor a seus adversários. Portanto, não temo criticá-lo e expressar com franqueza meus pontos de vista sobre suas palavras.

O que afirmou?

"No decurso de minha vida houve injustiça e repressão em Cuba, e nunca durante minha vida o povo conheceu a verdadeira liberdade; nunca na vida de duas gerações o povo de Cuba conheceu uma democracia... não vimos eleições durante 50 anos... Não vamos suportar essas injustiças, juntos vamos procurar a liberdade para Cuba," disse aos anexionistas e continuou: "Essa é a minha palavra. Esse é o meu compromisso. ... já é hora de o dinheiro estadunidense fazer com que o povo cubano seja menos dependente do regime de Castro. Vou manter o embargo..."

O conteúdo das palavras deste forte candidato à Presidência dos Estados Unidos da América, livra-me da necessidade de explicar o porquê desta reflexão.

O próprio José Hernández, um dos dirigentes da Fundação Cubano-Americana que Obama elogia em seu discurso, era o proprietário do fuzil automático calibre 50, com mira telescópica e raios infra-vermelhos apreendido ao acaso junto de outras armas mortíferas, durante seu transporte por mar rumo a Venezuela, onde a Fundação planejou assassinar a pessoa que está escrevendo estas linhas, numa reunião internacional que se realizou em Margarita, estado venezuelano de Nueva Esparta.

O grupo de Pepe Hernández desejava voltar ao pacto com Clinton, a quem o clã de Mas Canosa traiu, oferecendo mediante fraude a vitória a Bush em 2000 porque tinha prometido assassinar Castro, uma coisa que todos aceitaram de bom grau. São conluios políticos próprios do sistema decadente e contraditório dos Estados Unidos.

O discurso do candidato Obama pode ser traduzido numa fórmula de fome para a nação, as remessas como esmolas, e as visitas a Cuba em propaganda para o consumismo e o modo de vida insustentável que o mantém.

Como irá encarar o gravíssimo problema da crise alimentar? Os grãos devem ser distribuídos entre os seres humanos, os animais domésticos e os peixes, que ano após ano são cada vez mais pequenos e mais escassos nos mares superexplorados pelos grandes navios de pesca de arrastão que nenhum organismo internacional foi capaz de deter. Não é fácil produzir carne a partir do gás e do petróleo. O próprio Obama superestima as possibilidades da tecnologia na luta contra a mudança climática, embora esteja mais consciente que Bush dos riscos e do escasso tempo disponível. Poderia se aconselhar com Gore, que também é democrata e deixou de ser candidato, porque conhece bem o ritmo acelerado em que aumenta o aquecimento. Seu rival político mais próximo, embora não seja candidato, Bill Clinton, perito em leis extraterritoriais como a Helms-Burton e a Torricelli, pode assessorá-lo em um tema como o bloqueio, que prometeu erradicar e nunca cumpriu.

Como foi que se expressou em seu discurso de Miami quem sem dúvida é, do ponto de vista social e humano, o mais avançado candidato às eleições presidenciais nos Estados Unidos da América? "Durante 200 anos" disse "os Estados Unidos esclareceram que não vamos suportar a intervenção em nosso hemisfério, contudo, devemos ver que existe uma intervenção importante, a fome, as doenças, o desespero. Desde o Haiti até ao Peru podemos tornar as coisas melhores e devemos fazê-lo, não podemos aceitar a globalização dos estômagos vazios..."

Magnífica definição da globalização imperialista: a dos estômagos vazios!

Devemos agradecer por isso; mas há 200 anos Bolívar lutou pela unidade da América Latina e há mais de 100 anos Martí deu sua vida combatendo a anexação de Cuba aos Estados Unidos da América. Então, onde estão as diferenças entre o que proclamou Monroe e o que dois séculos depois proclama e reivindica Obama em seu discurso?

"Teremos um enviado especial da Casa Branca, como o fez Bill Clinton", disse quase ao final "...vamos ampliar o Corpo da Paz e vamos pedir a mais jovens que façam com que nossos vínculos com as pessoas se tornem mais fortes e, talvez, mais importantes. Podemos forjar o futuro, e não deixar que o futuro forge a nós." É uma bela frase, porque admite a idéia, ou pelo menos o temor, de que a História faz os personagens e não o contrário.

Os atuais Estados Unidos não têm nada a ver com a declaração de princípios de Filadélfia formulada pelas 13 colônias que se rebelaram contra o colonialismo inglês. Hoje constituem um império gigantesco, o que não passava naquela altura pela mente de seus fundadores. Porém, nada mudou para os indígenas e os escravos. Os primeiros foram exterminados na medida em que a nação se estendia; os segundos continuaram sendo alvo de leilões nos mercados, homens, mulheres e crianças durante quase um século, apesar de que "todos os homens nascem livres e iguais", como afirma a declaração. As condições objetivas no planeta favoreceram o desenvolvimento desse sistema.

Obama em seu discurso atribui à Revolução Cubana um caráter antidemocrático e carente de respeito à liberdade e aos direitos humanos. É exatamente o argumento que, quase sem exceção, empregaram as administrações dos Estados Unidos para justificar seus crimes contra nossa pátria. O bloqueio, por si só, é um genocídio. Não desejo que as crianças norte-americanas se eduquem nessa ética vexatória.

A revolução armada em nosso país não teria sido talvez necessária sem a intervenção militar, a Emenda Platt e o colonialismo econômico que ela trouxe à ilha.

A Revolução foi produto da dominação imperial. Não podemos ser acusados de tê-la imposto. As mudanças verdadeiras puderam e tiveram que se originar nos Estados Unidos. Seus próprios operários, há mais de um século, lançaram a demanda das oito horas, filha da produtividade do trabalho.

A primeira coisa que os líderes da Revolução Cubana aprendemos de Martí foi acreditar e agir em nome de uma organização fundada para levar a cabo uma revolução. Sempre dispusemos de faculdades prévias e, uma vez institucionalizada, fomos eleitos com a participação de mais de 90 por cento dos eleitores, como já é hábito em Cuba, e não a ridícula participação que muitas das vezes, como nos Estados Unidos, não chega a 50 por cento dos eleitores. Nenhum outro país pequeno e bloqueado como o nosso teria sido capaz de resistir tanto tempo, na base da ambição, da vaidade, do engano ou dos abusos de autoridade; um poder como o de seu vizinho. Afirmá-lo constitui um insulto à inteligência de nosso heróico povo.

Não ponho em causa a aguda inteligência de Obama, sua capacidade polêmica e seu espírito de trabalho. Domina as técnicas de comunicação e está acima de seus rivais na corrida eleitoral. Observo, com simpatia, sua esposa e suas filhas, que o acompanham e animam todas as terças-feiras; sem dúvida, é um quadro humano agradável. Não obstante, vejo-me na obrigação de fazer várias perguntas delicadas, ainda que não pretenda obter respostas, unicamente registrá-las.

1º É correto que o Presidente dos Estados Unidos da América ordene o assassinato de qualquer pessoa no mundo, seja qual for o pretexto?

2º É ético que o Presidente dos Estados Unidos da América ordene torturar outros seres humanos?

3º O terrorismo de Estado é um instrumento que um país tão poderoso como os Estados Unidos deve utilizar para que exista a paz no planeta?

4º É boa e honrada uma Lei de Ajuste que se aplica como castigo a um só país, Cuba, para desestabilizá-lo, embora custe a vida de crianças e mães inocentes? Se for boa, por que não se aplica o direito automático de residência aos haitianos, dominicanos e demais cidadãos de países do Caribe, e se faz o mesmo com os mexicanos, centro-americanos e sul-americanos, que morrem como moscas no muro da fronteira mexicana ou nas águas do Atlântico e do Pacífico?

5º Os Estados Unidos podem prescindir dos imigrantes, que cultivam vegetais, frutas, amêndoas e outras iguarias delicadas e apetitosas para os norte-americanos? Quem varreria suas ruas, prestaria serviços domésticos e realizaria os trabalhos piores e menos remunerados?

6º São justas as batidas contra sem-documentos que afetam inclusive crianças nascidas nos Estados Unidos?

7º É moral e justificável o roubo de cérebros e a contínua retirada das melhores inteligências científicas e intelectuais dos países pobres?

8º O senhor afirma, como lembrei no início desta reflexão, que seu país advertiu há tempo as potências européias de que não admitiria intervenções no hemisfério, e ao mesmo tempo reitera a demanda desse direito, reclamando a um só tempo o de intervir em qualquer parte do mundo com o apoio de centenas de bases militares, forças navais, aéreas e espaciais distribuídas pelo planeta. Pergunto, é essa a forma com que os Estados Unidos da América exprimem seu respeito pela liberdade, democracia e direitos humanos?

9º É justo atacar de surpresa e preventivamente sessenta ou mais obscuros cantos do mundo, como os chama Bush, seja qual for o pretexto?

10º É honrado e sensato investir milhões de dólares no complexo militar-industrial para produzir armas que possam destruir várias vezes a vida na Terra?

O senhor deveria saber, antes de julgar o nosso país, que Cuba, com seus programas de educação, saúde, esportes, cultura e ciências, aplicados não só em seu próprio território, mas também em outros países pobres do mundo, e o sangue derramado em solidariedade a outros povos, apesar do bloqueio econômico e financeiro e das agressões do seu poderoso país, constitui uma prova de que se pode fazer muita coisa com muito pouco. Nem à nossa melhor aliada, a URSS, foi permitido traçar nosso destino.

Para cooperar com outros países, os Estados Unidos da América só podem enviar profissionais vinculados à disciplina militar. Não podem fazer de outro jeito, porque carecem de pessoal em número suficiente disposto a se sacrificar por outros e oferecer apoio significativo a um país com dificuldades, apesar de que em Cuba conhecemos e temos cooperado com excelentes médicos norte-americanos. Eles não são os culpados porque a sociedade não os educa massivamente nesse espírito.

A cooperação do nosso país nunca é subordinada a requisitos ideológicos. Oferecemo-la aos Estados Unidos quando o furacão Katrina atingiu duramente a cidade de Nova Orleans. Nossa brigada médica internacionalista leva o nome glorioso de Henry Reeve, um jovem nascido nesse país que lutou e morreu pela soberania de Cuba na primeira guerra por nossa independência.

Nossa Revolução pode convocar dezenas de milhares de médicos e técnicos da saúde. Pode convocar, de forma igualmente maciça, mestres e cidadãos dispostos a marcharem para qualquer canto do mundo, para qualquer propósito nobre. Não para usurpar direitos nem conquistar matérias-primas.

Na boa vontade e disposição das pessoas há recursos infinitos que não são guardados nem cabem nos cofres de um banco. Não emanam da política cínica de um império.

Fidel Castro Ruz
25 de maio de 2008